Edmundo Prestes Nogueira



Bravo da Pena, Paladino da Verdade

Edmundo Prestes Nogueira nasceu no dia 9 de março de 1933, em Pirapitingui, distrito da cidade de Piracicaba/SP. Filho de Dirce Prestes Nogueira e Joaquim Passos Nogueira, Edmundo teve uma infância pobre mas muito feliz, ao lado de seus nove irmãos. Seu pai era chefe da estação ferroviária de Pirapitingui, local onde existia o “leprosário” de mesmo nome, um dos poucos hospitais que tratavam os portadores de Hanseníase na época.

Apesar do casal ser humilde e ter poucos recursos, Joaquim e Dirce tiveram a sabedoria de providenciar um futuro melhor para seus filhos: ficaram apenas com as meninas e logo cedo encaminharam os filhos homens para o Exército e para o Mosteiro Carmelita, ambos na cidade de Itu. Era a única chance de proporcionar os estudos e uma boa educação para aquelas crianças.

Foi desta forma que Edmundo seguiu para o Seminário Nossa Senhora do Carmo aos 11 anos, onde pôde crescer “de corpo e alma” num ambiente de fortes valores cristãos que vieram a marcar seu pensamento e seu espírito para o resto de seus dias. Nos dez anos que seguiram, Edmundo teve o privilégio de receber uma sólida formação em Sociologia e Filosofia, além de aprender a Língua Grega, a Língua Latina, a Língua Francesa e a Língua Portuguesa em profundidade. Após a conclusão do Curso Colegial do Seminário, foi para o Instituto Superior da Ordem Carmelita, em São Paulo, onde cursou Filosofia e iniciou Teologia. Ao sair, lecionou por dois anos Latim e Português no Colégio São Bento.

Mas o destino de Edmundo era outro. Seu carisma pessoal, seu dom para escrever (e como escrevia !) e sua fluência nas palavras faziam dele um homem perfeito para o ofício da comunicação.

Porém, o jovem Edmundo ainda não sabia disso: deixou o Instituto Superior Carmelita para cursar a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, onde passou com destaque, devido sua sólida bagagem cultural.

Neste momento entra em cena novamente o humilde Joaquim Passos Nogueira, com toda a simplicidade daqueles que são guiados pelas mãos de Deus. Edmundo ainda era um rapaz tímido e precisa arrumar um emprego para poder sustentar-se e cursar a Faculdade. Joaquim vem do interior, pega o filho pela mão e segue para o centro da capital para procurar um emprego. Ao passar em frente ao prédio do jornal “O Estado de São Paulo”, na rua Major Quedinho, Joaquim fala para o filho: “Eu não gosto deste jornal, porque ele é contra o Getúlio. Mas como ele defende os interesses dos ricos, deve pagar melhor”.

Para vergonha de Edmundo, Joaquim pega o elevador e sobe até a sala da diretoria do jornal, onde pede para a secretária para “falar com o dono”. Numa situação curiosa, Joaquim e Edmundo são recebidos por Júlio Mesquita Filho, que houve atentamente Joaquim falar das virtudes do filho, que com certeza seria um excelente funcionário para o jornal. Resultado da “conversa”: contratado como revisor de propagandas, Edmundo acabava de iniciar sua carreira como funcionário do jornal “O Estado de São Paulo”, onde trabalharia nos próximos 24 anos de sua vida.

Da revisão dos anúncios para a revisão de matérias jornalísticas, em pouco tempo Edmundo conquistou um espaço na redação do “Estadão”. E logo na primeira oportunidade virou repórter, “setorista” da Prefeitura Municipal de São Paulo. Assim começou a carreira jornalística de Edmundo, que teve como mestre, entre outros grandes nomes, o poeta Menotti Del Picchia.

E foi a redação do jornal “Estadão” o berço das grandes amizades que acompanharam Edmundo em sua trajetória de vida. Entre estas amizades estão a própria família Mesquita, que, como os outros funcionários do jornal, aprenderam a gostar daquele homem que cumprimentava e conversava com todos, sem fazer distinção, do porteiro aos proprietários da empresa.

Nesta época sua família passou a residir na cidade de Sorocaba, para onde Edmundo viajava nos finais de semana. E foi num destes finais de semana, num baile do Sorocaba Clube, que Edmundo conheceu a grande paixão da sua vida, Cecília Pimentel Vasques, jovem professora da cidade de Itapetininga. Cecília também se apaixonou e aquele baile deu início ao namoro dos dois.

Edmundo e Cecília casaram no dia 31 de janeiro de 1965. Eram tempos difíceis para o jornalismo. O governo militar iniciava suas restrições ao trabalho jornalístico e introduzia a censura nas redações. Foi dentro deste cenário que Edmundo aceitou um novo desafio: participar do projeto de expansão do jornal, comandando uma inspetoria na cidade de Itapetininga. Ao lado de seus amigos René, de Bauru e Paterline, de Ribeirão Preto, Edmundo foi um dos grandes responsáveis pelo prestígio e credibilidade do jornal “O Estado de São Paulo” no interior paulista.

A inspetoria do “Estadão” em Itapetininga era responsável por toda a região sul do país. Como Inspetor Regional Edmundo coordenava as áreas de correspondentes, agentes comerciais, transportes e comunicação.

Mas o coração do jornalista sempre bateu mais forte.Nas suas viagens constantes pelas cidades da inspetoria inúmeras matérias e reportagens eram publicadas nas páginas do jornal, mostrando para todo o Brasil como era a nossa região: por onde passou, ficou conhecido pelo apelido “Edmundo do Estadão”.

Já era o final da década de 1960 quando dois acontecimentos marcaram a vida de Edmundo: o nascimento de seu primeiro filho, Edmundo José e a causa “Barra Mansa”. Paralelamente ao trabalho no jornal “O Estado de São Paulo”, Edmundo também advogava em seu escritório, na rua José Bonifácio, junto ao advogado e amigo Antonio Souto Labrunetti (que futuramente veio a ser juiz na cidade de Sorocaba).

Os dois advogados assumiram a causa de pobres colonos sem dinheiro algum, que viviam em sistema de caracterizada escravidão na fazenda “Barra Mansa”, pertencente ao grupo Votorantim.

Tantos foram os obstáculos colocados pelos proprietários da fazenda que foi necessário solicitar ajuda ao Exército, que enviou um caminhão de soldados, comandados por Oficiais, para possibilitar a entrada na fazenda do perito que realizou a prova pericial, cumprindo-se assim a ordem judicial.

Edmundo, com a ajuda do amigo e jornalista Alberto Isaac, tornou o caso conhecido em todo o Brasil, publicando nas páginas do “Estadão” reportagem com a manchete: “Fazenda Esconde Miséria”.

O Processo “Barra Mansa” demorou mais de dez anos para ser concluído, dando vitória aos trabalhadores da fazenda e mudando a vida de dezenas de famílias que eram exploradas pelas injustas condições de trabalho.

Além de sua carreira como advogado, na qual foi eleito presidente da 43º Subsecção da Ordem dos Advogados do Brasil, Edmundo também foi professor do curso de Comunicação Social da Fundação Karnig Bazarian, lecionando por vários anos no ensino superior.

Em 1972, um fato veio a abalar muito o lar dos Prestes Nogueira: o falecimento do segundo filho, Luciano, ainda bebê, de broncopneumonia. Apesar de uma forte depressão ter abatido Cecília, Edmundo, com seu otimismo e sua fé em Deus inabaláveis, seria o alicerce para a superação daquele trauma familiar.

Cecília era professora da classe especial para deficientes auditivos na escola de 1º e 2º Grau Cel Fernando Prestes. Nessa época (início da década de 1970) era muito comum o encaminhamento para tal classe de todo o tipo de deficientes mentais, uma vez que na percepção dos pais daquelas crianças, elas eram apenas surdas ou mudas. A grande maioria destes casos era de famílias muito pobres, sem as mínimas condições de buscar qualquer tipo de ajuda fora de Itapetininga. Desta forma, aquelas crianças ficavam sem perspectiva nenhuma de tratamento, estando sujeitas a incompreensão até dos próprios pais. Esta situação levou o casal Edmundo e Cecília a levantarem a bandeira da Fundação da APAE de Itapetininga. Com a ajuda de amigos, de pessoas envolvidas com a causa dos deficientes e o apoio da comunidade em geral, em julho de 1973 a APAE de Itapetininga iniciava suas atividades, entidade cujos frutos até hoje são colhidos por estas pessoas tão especiais.

Em 1975, a família Prestes Nogueira teve uma das suas maiores alegrias: o nascimento do terceiro filho do casal, Luís Francisco. Em 1977, Edmundo e Cecília conseguem concluir a construção da casa da família, cujo fiador do empréstimo levantado junto ao Banco Nossa Caixa foi Júlio de Mesquita Neto.

Mas a vida do inspetor do jornal não era nada fácil: devido a abrangência da regional, Edmundo passava seus dias viajando pelas centenas de cidades pelas quais era responsável. Sua dedicação lhe rendeu inúmeros prêmios e muitos Troféus “Ex-Libris”, em reconhecimento pelo trabalho que realizava no jornal. Também foram inúmeros os acidentes automobilísticos pelos quais passou (num deles a Rural Willis capotou e explodiu logo após Edmundo e o motorista saírem do veículo – sua recuperação física durou meses).

Edmundo já estava cansado daquela desgastante rotina, que o afastava daquilo que ele mais prezava: o convívio de sua família. Talvez, aquele homem que era só coragem, tenha tido medo: o medo de não ver seus filhos crescerem. Foi com esta forte motivação pessoal que Edmundo veio a se desligar do jornal “O Estado de São Paulo” e fincar suas raízes definitivamente na cidade de Itapetininga. Nesta nova fase ele finalmente viria a dedicar-se mais a família e a religiosidade, participando ativamente de inúmeros movimentos da Igreja Católica,

como o Cursilho, Os Vicentinos, O Instituto São Paulo Apóstolo, entre outros, além de ser Ministro da Eucaristia e posteriormente Irmão do Santíssimo.

Era o início da década de 1980. Logo, Edmundo iniciou seu trabalho como Assessor de Imprensa da Câmara Municipal de Itapetininga.

Uma das características principais de Edmundo era o seu envolvimento com sua comunidade. Aproveitando seu trabalho na Câmara Municipal, Edmundo passou a desenvolver projetos que viessem a divulgar positivamente a cidade de Itapetininga. Sempre contando com o apoio de seus amigos jornalistas do Estadão (muitos dos quais já haviam se espalhado por toda a imprensa brasileira), Edmundo criou e desenvolveu os famosos "Seminários de Jornalismo de Itapetininga", que em suas nove edições conseguiu trazer para Itapetininga os maiores nomes do jornalismo brasileiro. O evento se caracterizava por ser aberto e gratuito.

Realizados desde 1985 pela Câmara Municipal, pela Casa da Cultura e pela Associação dos Jornalistas e Radialistas da Região de Itapetininga, os Seminários de Jornalismo despertaram a população local para os grandes temas nacionais. Estudantes, profissionais liberais e populares debatiam diretamente com os jornalistas convidados. Quem não podia ir ao auditório da Câmara, ouvia pelas rádios que levam o Seminário para as 42 cidades da região. Em Itapetininga, as pessoas também acompanhavam pela SP SUL TV, o canal de TV Comunitária local.

O Iº Seminário teve 10 palestras. Miguel Jorge, então editor-chefe do "Estadão", abriu com o tema *O que é um Jornal*, Clóvis Rossi *O que é Jornalismo*, Ricardo Kotscho *Coberturas Especiais*, Lourenço Diaféria *A crônica como gênero jornalístico*, Laerte Fernandes *A função social do jornal*, Percival de Souza A *notícia policial,* José Maria Mairink *Jornalismo de Pesquisa*, Marcos Faerman *A reportagem como núcleo central de jornalismo*, Audálio Dantas, então presidente da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), *Legislação e Sindicalismo*. E encerrando Boris Casoy falou sobre *Jornalismo de bastidores*.

O IIº Seminário teve como tema a Economia. Participaram Marco Antonio Rocha, Rolf Kuntz, Bernardo Kucinski e José Serra. O IIIº, no ano de 1988, discutiu a Constituinte. Vieram para Itapetininga Florestan Fernandes, Alberto Goldman, Irede Cardoso e Miguel Colassuono. O IVº Seminário discutiu os Novos Rumos do Jornalismo na Televisão, com Celso Kinjô, da Rede Globo, Albino Castro, do SBT, Murilo Antunes Alves, da TV Record, Nei Gonçalves Dias, da Bandeirantes e Carlos Nascimento, então da TV Cultura.

O Vº Seminário de Jornalismo reuniu temas específicos, com Luiz Fernando Emediato, Ethevaldo Siqueira, Eduardo Martins e novamente Ricardo Kotscho.

O VIº Seminário teve dois temas: Jornalismo Agrícola com Humberto Pereira e José Hamilton Ribeiro; e Jornalismo Esportivo, com Juares Soarez e Dalmo Pessoa.

O VIIº teve por tema *Os Desafios e Modernidade dos Veículos*, e trouxe a Itapetininga Júlio Moreno, da Agência Estado, Ernesto Paglia, da TV Globo, Nirlando Beirão, do "Estadão" e Hélio Campos Melo, da Agência Estado.

O VIIIº realizou-se em novembro de 1992, com o tema *O Papel da Imprensa na Sociedade Democrática* , e teve como palestrantes os jornalistas Mário Vitor dos Santos, Ombudsman do jornal Folha de São Paulo, Caco Barcelos, repórter da TV Globo, Luciano Martins, editor-executivo do "Estadão" e Celso Russomano, do SBT e da TV Gazeta.

Em 1995, já sem Edmundo entre nós, tivemos o IXº Seminário de Jornalismo de Itapetininga, que a partir deste ano, em homenagem ao seu criador, passou a denominar-se "Seminário de Comunicação Edmundo Prestes Nogueira", tendo por tema "A Mídia e o Interior", contando com a presença de jornalistas dos veículos de maior expressão do interior de São Paulo: Roberto Godoi (editor chefe Correio Popular de Campinas), Fernando Schwarz (editor chefe da TV Globo de Sorocaba), Fernando Allende (editor chefe da Tribuna de Santos), Ulisses Alves de Souza (editor chefe do jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba), Galeno Amorin (editor chefe do Jornal da Manhã de Ribeirão Preto e correspondente especial de "O Estado de São Paulo" no interior), José Hamilton Ribeiro (editor da revista Globo Rural), David Filismino (Diretor da Área de Mídia da Agência Estado), Ari Schneider (editor chefe da Revista IMPRENSA – revista especializada em jornalismo), Laerte Fernandes (editor especial de "O Estado de São Paulo") e Carlos Nascimento (TV Globo).

Mas a participação de Edmundo na vida cultural da cidade não se limitou aos Seminários de Jornalismo. Por ocasião do aniversário de 60 anos da Revolução de 1924, Carlos Scudeler, então editor do Jornal Tribuna Popular, solicitou a Edmundo uma reportagem sobre o movimento militar que teve forte participação da cidade de Itapetininga. O jornal Tribuna Popular acabou por publicar um suplemento especial escrito por Edmundo, cuja repercussão ultrapassou os limites do estado de São Paulo. Iniciava-se naquele momento a produção do livro "Heroísmo Desconhecido", publicação pioneira do movimento militar de 1924, lançado em no ano de 1987, em solenidade cívica no Clube Venâncio Ayres, que contou com a presença da então Secretária da Cultura do Estado de São Paulo, Bete Mendes.

No final da década de 1980, aconteceu um novo fato importante para a vida profissional de Edmundo. A Rede Globo de Televisão adquiriu a concessão de um canal regional situado na cidade de Sorocaba. Por indicação de amigos, Edmundo foi consultado para ser o gerente comercial da emissora. Edmundo nunca foi um homem vaidoso, sabia muito bem seus limites e fazia disso uma virtude. Como até aquele momento ele nunca havia trabalhado com a mídia televisão, recusou o convite, aceitando o desafio de aprender a trabalhar com televisão junto a nova equipe da emissora Sorocaba.

O resultado dessa nova experiência profissional de Edmundo foi a criação da sua própria empresa, a EPN Comunicações, primeira empresa da nossa região

especializada no planejamento e produção de campanhas publicitárias para veiculação em canais de televisão.

A empresa tinha um caráter fortemente familiar, tendo Edmundo a frente do planejamento dos projetos, seu filho Edmundo José na produção dos filmes comerciais e seu filho Luís Francisco na parte administrativa e contábil. Não é preciso dizer que a nova empresa foi a grande parceira da TV Aliança Paulista (Rede Globo de Sorocaba) na região de Itapetininga, que, em alguns períodos, chegou a ter mais clientes do que a cidade de Sorocaba. A EPN Comunicações continua trabalhando até hoje, tendo inclusive sido a primeira empresa a fornecer acesso à internet em Itapetininga, no ano de 1996.

Infelizmente, na triste data de 22 de abril de 1994, faleceram Edmundo Prestes Nogueira e de seu filho Luís Francisco Vasques Nogueira, em um acidente automobilístico na Rodovia Raposo Tavares, quando ambos retornavam de Sorocaba.

Não obstante, as sementes que Edmundo Prestes Nogueira semeou continuam crescendo e dando frutos em nossa comunidade. É como diz o texto de abertura de “O Semeador”, jornal que Edmundo fazia com muito carinho para o Instituto São Paulo Apóstolo de Itapetininga:

Semeia Sempre

NO GRANDE COSMO,TU ÉS UM SEMEADOR
TU ÉS PRESENÇA E PESSOA
NÃO PODES FUGIR À RESPONSABILIDADE DE SEMEAR...
NÃO DIGAS: O SOLO É ÁSPERO...
O SOL QUEIMA...
CHOVE FREQUENTEMENTE...
A SEMENTE NÃO SERVE...
NÃO É TUA FUNÇÀO JULGAR A TERRA, O TEMPO E AS COISAS...

tua missão é semear...

AS SEMENTES SÃO ABUNDANTES... E GERMINAM FACILMENTE.
UM PENSAMENTO, UM GESTO, UM SORRISO, UMA PROMESSA DE ALENTO, UM APERTO DE MÃO, UM CONSELHO AMIGO, UM POUCO DE ÁGUA... NÃO SEMEIES, PORÉM, DESCUIDADAMENTE, COMO ALGUÉM QUE SE DESINCUMBE DE UM TRABALHO OU CUMPRE SIMPLES TAREFA...

semeia com interesse... com amor e atenção...

COMO QUEM ENCONTRA NISSO MOTIVO DE SUA FELICIDADE !
E AO SEMEAR NÃO PENSES: QUANTO ME DARÁ? QUANDO SERÁ A COLHEITA?
RECORDA QUE NÃO SEMEIAS PARA ENRIQUECER, AGUARDANDO O GANHO MULTIPLICADO:

semeias porque não podes viver sem dar,
porque não podes servir a Deus sem servir a teus irmãos,
demais homens.

ÉS DONO DE TI MESMO E DA VIDA...
QUANDO TROCAS O TEU POUCO COM OS OUTROS.
SEM ESPERAR RECONPENSAS... SERÁS RECOMPENSADO
SEM ESPERAR RIQUEZAS... ENRIQUECERÁS

SEM PENSAR NA COLHEITA... TEUS BENS SE MULTIPLICARÀO.
PORQUE SEMEIAS NUM REINO ONDE DAR É RECEBER...
ONDE DAR A VIDA É PERDÊ-LA PARA ENCONTRÁ-LA
ONDE GASTAR SERVINDO É CRESCER, TRANSFORMAR.

semeia sempre, em todo terreno, em todo tempo...

A BOA SEMENTE COM AMOR, COM CARINHO, COMO SE ESTIVESSE
SEMEANDO O PRÓPRIO CORAÇÃO; O SANGUE A REGARÁ!

sai semeador...
parte e prepara....
levando contigo tudo o que tens
e acolhe o que o outro pode te dar

VIGIA E VELA...
LEMBRA QUE O FRUTO É PARA PARTILHAR
E A GLÓRIA É PARA O PAI
E NA SIMPLICIDADE DIGA OBRIGADO

sê, pois, um semeador



EDMUNDO PRESTES NOGUEIRA
9 de março de 1933 – 22 de Abril de 1994